

HÁ CONSCIÊNCIA SOBRE GESTOS EMBLEMÁTICOS PORTUGUESES?

Bárbara Azevedo

Universidade do Porto. barbarazevedo6187@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a reflexão sobre gestos emblemáticos do Português Europeu, fundamentados em diversos autores teóricos, como Kendon (2004) e Payrató (2013).

Neste âmbito, foi feita uma escolha de emblemas que consideramos mais típicos do Português Europeu. Com base nesses emblemas, foi submetido um inquérito a um grupo heterogéneo de indivíduos.

Nesta reflexão, serão realizadas uma análise quantitativa e qualitativa dos inquéritos realizados a indivíduos de diversas regiões de Portugal sobre o significado de gestos emblemáticos selecionados previamente. Mais ainda, para aprofundar este assunto, foram explorados dois tipos de emblemas específicos e usuais em Português Europeu, reconhecidos por todos os inquiridos e tentar explicar as suas informações simbólicas, a alteração e a perda de motivação ao longo do tempo e, por fim, como se estabeleceu na comunidade portuguesa.

ABSTRACT

In this paper some symbolic or emblematic gestures of European Portuguese are discussed, following previous work by theoretical scholars such as Kendon (2004) or Payrató (2013).

A preselection of gestures of European Portuguese was made, including those considered as the most common, and then a survey was produced and sent to a diverse group of people from across Portugal. A quantitative and qualitative analysis of that survey was made, including an analysis of gestures' meaning. Also, two specific types of emblematic gestures, well spread in European Portuguese and known by all respondents, were analysed in depth to explain their symbolism, their evolution, the rupture of their meaning in the course of time, and their consolidation in the Portuguese speaking community.

Este trabalho foi inicialmente desenvolvido para uma unidade curricular opcional do mestrado em Português Língua Segunda/ Língua Estrangeira da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no ano letivo 2015/ 2016 e, no ano letivo seguinte 2016/ 2017, serviu como base para o meu estágio pedagógico e relatório de estágio para a finalização deste mesmo mestrado.

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre gestos emblemáticos do português europeu e para isso foi feita uma escolha de emblemas que consideramos mais típicos e submetemos um inquérito.

Os gestos são movimentos realizados, normalmente, com os membros superiores (mãos/ braços). É uma forma de comunicação não-verbal que acompanha, muitas vezes, a fala. Kendon (2004: 13-14 apud McNeill 2013: 29) afirma que os gestos são “actions that have the features of manifest deliberate expressiveness”

Contudo, quando incidimos a nossa atenção sobre este tema, verificamos que muitos gestos parecem ter um significado universal como o gesto de apontar ou de agressão.

Argile (1988:191, apud Rodrigues 2003: 65) afirma que os gestos são símbolos naturais e não inatos.

Por outro lado, McNeill (1992, apud Rodrigues 2003: 74) diz que os gestos podem ser globais e sintéticos por representarem unidades de significado compactas, não segmentadas e não lineares. Para este autor, um gesto pode conter inúmeros significados.

Os gestos subdividem-se em vários tipos, cuja classificação está associada à respetiva função. Estes contribuem para a comunicação-verbal, para esclarecer o conteúdo das palavras, para aumentar a coesão e organização do discurso, para reforçar as relações interpessoais e papéis sociais, entre outros.

Ekman e Friesen (1969, apud Rodrigues 2003: 68) divide-os em cinco categorias: *illustrators/ ilustradores*; *affect display/ manifestações de estados afetivos*; *regulators/ reguladores*; *adaptors/ adaptadores*, que se subdividem em *self-adaptors/ gestos de auto-adaptação*, *alter-adaptors/ gestos de alteradaptação* e *object adaptors/ gestos de adaptação ao objeto*; e, por fim, *emblems/ emblemas*. Estes últimos, são os abordados neste trabalho e são considerados gestos específicos de uma cultura apreendidos por elementos pertencentes a essa mesma cultura, que repetem ou substituem um conteúdo verbal, executados de forma consciente e intencional, podendo ter uma codificação arbitrária e serem traduzidos por palavras, como por exemplo colocar o dedo indicador sobre a boca, que significa silêncio. Os emblemas são usados inconscientemente ou intencionalmente pelo emissor e apresentados muitas vezes por termos relativos ao corpo humano, como a unidade fraseológica *ser/estar detrás da orelha* ou *ter garganta*.

Segundo Rodrigues (2003), à luz de Ekman e Friesen (1969), é através do estudo dos emblemas que muitas diferenças culturais se tornam evidentes. Por

exemplo, “o suicídio” é expresso gestualmente de diversas formas, consoante a cultura em questão.

Os emblemas podem funcionar autonomamente e/ou paralelamente à linguagem verbal. Em situações em que não há conteúdo verbal, estes podem ser os únicos a transmitir informações numa interação face a face, como o gesto de mover a palma da mão da direita para a esquerda repetidamente para um colega de trabalho, afirmando que um indivíduo *está cego/tapado*, ou seja, não vê o que está à sua frente.

Um emblema tem uma motivação, ou seja, apresenta uma base que pode ser de três tipos: um objeto, uma abstração ou um idiomatismo.

Para o desenvolvimento deste trabalho, como referido anteriormente, foi submetido um inquérito a vinte e sete pessoas, quinze mulheres e treze homens, entre os dezoito e os trinta anos de diferentes proveniências de Portugal (Trofa, Vila Nova de Gaia, Porto, Esposende, Funchal, Paredes de Coura, Vila do Conde, Famalicão e Santo Tirso) e graus de escolaridade (12º ano, Licenciatura e Mestrado). Aqui, o inquirido tinha de visualizar o vídeo sobre vinte unidades fraseológicas associadas a gestos e, dizer o significado de cada uma e, assim como a expressão utilizada.

Através deste inquérito foi possível verificar que o gesto *fazer pouco* não foi identificado, mas, em contra partida, os gestos *ter garganta*, *ser tapado*, *ter medo*, *juntinhos*, *silêncio/ estar calado* e *acabou* foram reconhecidos por todos os inquiridos.

Em modo de conclusão deste inquérito, conseguimos constatar que oitenta e um por cento dos inquiridos reconheceram os gestos selecionados e que, apenas, dezanove por cento não os reconheceram.

Por fim, para aprofundar mais este tema, decidimos investigar duas unidades fraseológicas com gestos associados, no que diz respeito ao contexto histórico, significado e equivalentes fraseológicos

A primeira unidade fraseológica é *estar com/ ter dor de cotovelo*, sendo definida como ciúme ou despeito por motivos de amor, sentimento de inveja, tristeza e frustração. Mais, *dor de canela*, *dor de corno* e *cabeça inchada*, *botar o olho grande em (algo de alguém)*, *não pode ver uma camisa lavada (a alguém)*, *ser como o frade nabiça* (Açores) são sinónimos desta mesma unidade fraseológica.

Contudo, apesar do que foi anteriormente referido, existe uma imagem que também está associada a esta expressão corrente. Segundo algumas pessoas e estudiosos

sobre a origem de idiomatismos, *ter/ estar dor de cotovelo* pode referir-se a alguém que sofreu uma decepção amorosa, originando ciúmes e tristeza. A “imagem” diz respeito a uma pessoa sentada num bar, com os cotovelos apoiados em cima de uma mesa ou de um balcão, bebendo uma bebida e lamentando o seu desgosto amoroso. Dizem que por estar muito tempo com os cotovelos apoiados, este fica com “dor de cotovelo”, daí a analogia a esta “imagem”.

A segunda unidade fraseológica eleita foi *estar pelos cabelos*. Esta é definida como estar de má vontade, a contragosto, com sacrifício, com muita pressa, em estado de irritação, zangado, simplicidade ou naturalidade à custa de trabalho ou sacrifício, em estado de agitação, preocupação, aborrecimento ou irritação, endividado, sem paciência para alguém. Contudo, a unidade fraseológica *estar cheio (até aqui)* tem um sentido equivalente, mas um gesto diferente associado. *Estar pelas pelinhas* (Madeira) e *estar/ ficar de saco cheio* (Brasil) são sinónimos desta unidade fraseológica.

Pensa-se que a origem desta imagem provém do desconforto semelhante a de quem está preso ou ser arrastado pelos cabelos e quer libertar-se rapidamente dessa situação. Pode estar relacionado, também, com a época da escravidão, em que as pessoas eram puxadas e agarradas pelos cabelos, como forma de punição. Todavia, há quem associe à parte superior do corpo humano, porque esta corresponde ao limite do mesmo.

Em suma, os gestos emblemáticos portugueses estão memorizados pelos falantes da comunidade portuguesa. Estes estão em constante reutilização, sabendo, deste modo, a comunidade o sentido metafórico agregado a eles. Por isso, à luz de Lakoff/Johnson (1980) e Lakoff (1987), Rodrigues, Cordas e Mouta (2003), as línguas são o reflexo das necessidades, dos interesses de comunicação do homem, do modo como interpreta e lida com o mundo que o rodeia, mas, também, que a forma de pensar está condicionada pela própria natureza e pelo lugar, assim como a forma de interagir.

Por último, este inquérito foi realizado durante uma das unidades didáticas lecionadas a estudantes do Grado en Lenguas y Literaturas Modernas – Português, da disciplina Lengua Portuguesa VII, na Facultad de Filosofía y Letras da Univerdad de Extremadura, em Cáceres, Espanha, a hispanofalantes e serviu como forma de aprendizagem de gestos e unidades fraseológicas do português, mas, também, como comparação com os gestos e unidades fraseológicas da sua língua materna, neste caso o espanhol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cestero, A. M. (1999). *Comunicación no verbal y enseñanza de lenguas extranjeras*. Madrid: Arco Libros.
- Corpas Pastor, G. (1996). *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos.
- Conselho da Europa (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas - Aprendizagem, ensino, avaliação*. Lisboa: Edições Asa.
- Figueiredo, E. B. & Figueiredo, O. M. (2010). Unidades fraseológicas no ensino de PLE. Perspectiva intercultural. *Limite*, 4, 155-166.
- McNeill, D. (2013). Gestures as a window onto mind and brain, and the relationship to linguistic relativity and ontogenesis”. In C. Müller *et alii*. (2013). *Body-language-communication. Na international handbook on multimodality in human interaction* (handbooks of linguistics and communication science 38.1.), vol. 1, (pp. 28-54), Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Neves, O. (1999). *Dicionário de expressões correntes*. Lisboa: Coleção Dicionários, Editorial Notícias.
- Payrató, L. (2014). “Emblems or quotable gestures: structures, categories, and functions”. In C. Müller, *et alii*. (2014). *Body-language-communication. Na international handbook on multimodality in human interaction* (handbooks of linguistics and communication science 38.2.), vol. 2, (pp. 1474-1481), Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Poyatos, F. (1994a). *La comunicación no verbal. I. Cultura, lenguaje y conversación* (Vol. I). Madrid: ISTMO.
- Poyatos, F. (1994b). *La comunicación no verbal. Paralenguaje, kinésica e interacción II* (Vol. II). Madrid: ISTMO.
- Rente, S. (2013). *Expressões idiomáticas ilustradas*. Lisboa: Edições LIDEL.
- Rodrigues, I. (2003). *Fala e movimentos do corpo na interação face a face: estratégias de reparação e de (des)focalização e co-funções conversacionais na manutenção de vez*. Vol. 1-2. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Rodrigues, I.; Cordas, J. & Mouta, M. (2003). Porque é que a cabeça deita fumo?: metáforas em idiomatismos do português, francês e alemão. In *Livro de Atas de Conferência Nacional - Língua Portuguesa: estruturas, usos e contrastes* (pp. 147-184). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

